

Educar para civilizar e doutrinar crianças indígenas na colônia de Alto Alegre: a cumplicidade das capuchinhas italianas (1899-1901)¹

Maria Aparecida Corrêa Custódio²

Resumo: O cenário deste estudo é a Missão das capuchinhas italianas na colônia de Alto Alegre (centro-sul do estado do Maranhão), fundada pelos padres capuchinhos em 1896 e atacada pelos indígenas em 1901. O artigo analisa os processos de inserção das capuchinhas, no contexto de uma missão que previa a criação de internatos para crianças indígenas e a divisão sexual do serviço catequético-pedagógico, na perspectiva de educar para civilizar e doutrinar.

Palavras Chave: Catequese, Tenetehara-Guajajara, Maranhão.

Abstract: The setting of this study is the Italian Capuchin Mission in the Alto Alegre colony (center-south of the state of Maranhão), founded by the Capuchin priests in 1896 and attacked by the Indians in 1901. The article analyzes the processes of insertion of the Capuchins, in the context of a mission that provided for the creation of boarding schools for indigenous children and the sexual division of the catechetical-pedagogical service, with a view to educating to civilize and to indoctrinate.

Keywords: Catechism, Tenetehara-Guajajara, Maranhão.

Introdução

Este artigo aborda os processos de inserção das capuchinhas italianas da congregação de madre Rubatto, no Maranhão, em 1899, e seu terrível destino, no contexto de uma missão indígena que foi alvo da revolta liderada pelo povo Tenetehara-Guajajara, em 1901. Elas foram convocadas pelos capuchinhos da Província de São Carlos (Lombardia – norte da Itália), que atuavam na Missão do Maranhão, para colaborar com a educação de crianças e jovens, tendo em vista que a missão previa a fundação de internatos indígenas para ambos os sexos. Nesse sentido, em 1895, foi criado o Instituto São Francisco de Assis, na cidade de Barra do Corda, destinado aos meninos Tenetehara-Guajajara e também alguns Canela; em 1899, foi fundado o Instituto São José da Providência, na colônia Alto Alegre, voltado para meninas dos mesmos povos. O gerenciamento dessas instituições cabia aos religiosos, seguindo à risca a divisão sexual do serviço catequético-pedagógico.

Neste estudo, adota-se a perspectiva teórico-metodológica da micro-história, orientando as buscas pelos indícios e a construção da narrativa histórica a partir da análise de fontes distintas (diário, carta, biografia), das quais recorta-se o tema das intenções e razões dos frades para envolver as freiras na Missão no Maranhão e a cumplicidade delas na civilização e catequização dos indígenas a partir dos modelos catequético-pedagógicos propostos pelos capuchinhos.

A congregação capuchinha no contexto da feminização do catolicismo italiano

Antes de discutir os processos de inserção das capuchinhas italianas na Missão do Maranhão, é preciso contextualizar a existência dessa congregação e a linha

¹ Este ensaio decorre do Projeto de Pesquisa “Apontamentos para a história da educação indígena: os internatos de Alto Alegre e Barra do Corda (1895-1915)”, financiado pela Fapema (2016-2019). Uma versão parcial foi apresentada no XIII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, realizado em Montevideu (2018).

² Doutora em Educação pela USP. Profa. adjunta da Universidade Federal do Maranhão (*campus Imperatriz*). E-mail para contato: mapcucustodio@yahoo.com.br.

missionária do catolicismo no final de século XIX, a fim de se compreender melhor as concepções e diretrizes eclesiais que fundavam as práticas religioso-educativas dessas mulheres.

A congregação de madre Rubatto pode ser situada no contexto da feminização do catolicismo, ocorrida no século XIX e responsável pela reconfiguração da atuação das mulheres na Igreja, fossem freiras, fossem leigas. No caso das freiras, Langlois (1984) foi pioneiro na investigação do novo modelo de organização religiosa, chamado por ele de “congregação com superiora geral”, que pode ser caracterizado como uma empresa ramificada em sucursais sob a dependência de uma gerência geral (superiora geral), cujas freiras assumem uma vida profissional fora dos muros do convento. Trata-se de um formato novo de vida religiosa, criado entre os séculos XVII e XVIII, no contexto da Contrarreforma da Igreja Católica, mas que atingiu seu apogeu apenas nos oitocentos. Essa estrutura, vigente até os dias de hoje, teria contribuído para o crescimento e a expansão das congregações, pois a organização institucional favorecia a autonomia das mulheres nos muitos campos em que atuavam, em especial na educação feminina.

O fenômeno tocou os países católicos em tempos e intensidades diferentes, de acordo com seus contextos sociais, políticos e eclesiais. Na Itália, a feminização do catolicismo ocorreu, sobretudo, nas paróquias localizadas em centros urbanos e municípios maiores, que eram atingidos pelas consequências do desenvolvimento industrial e difusão das ideias liberais e anticlericais. Nessas regiões, a Igreja enfrentava o afastamento do segmento masculino, ao passo que as mulheres, público considerado menos refratário ao comando do clero, começavam a ser valorizadas e encarregadas de novas devoções e associações criadas no período (GIORGIO, 1991).

Era um momento em que os princípios separatistas do pensamento liberal permeavam os processos de unificação italiana, os quais também entraram em divergência com a Igreja por causa da redistribuição de poder e de territórios pontifícios (MARTINA, 1996).³ Em meio a esse difícil contexto de construção de uma nacionalidade italiana e de controvérsias entre Igreja e Estado, os teólogos do catolicismo construíram um modelo de mulher patriótica e católica, que foi disseminado por todos os territórios urbanos e rurais, alcançando os países católicos em geral.

A feminização do catolicismo italiano representou também a entrada de muitas mulheres para a vida religiosa, embora o processo tenha sido dificultado pelo regionalismo político e cultural de seus territórios, nos quais a unificação só foi oficializada em 1861. Apesar desses contextos, o apogeu italiano das fundações de novas congregações religiosas se deu nos anos 1830/40, com a criação de 183 congregações. Em 1861, por exemplo, o primeiro censo da Itália unificada registrou 42.664 religiosas contra os 30.632 religiosos, indicando um número elevado de mulheres vivendo nas novas congregações e nos conventos tradicionais. De 1900 a 1952 foram instituídas mais 152 congregações femininas (MARTINA, 1996). É em meio a essa conjuntura que surge, em 1884, a congregação de madre Rubatto, “[...] com a finalidade de prestar assistência aos enfermos em domicílio e de instruir na Doutrina Cristã as pobres filhas do povo” (TOSO, 2002, p. 71).⁴

³ Segundo Martina (1996, p. 49-146), na Itália, o fenômeno do “separatismo” (separação Igreja e Estado) foi visível a partir de 1850 no Reino da Sardenha e, mais tarde, em todas as partes da península, dando ao processo de criação de um Estado independente italiano um caráter muito distante daquele referente a uma simples unificação territorial, mas bem mais próximo do processo de criação de um Estado laico, ou seja, voltado para um esforço de emancipação de toda tutela da Igreja.

⁴ Utiliza-se largamente a biografia de Rodolfo Toso, especialmente os fragmentos de cartas que são trazidos por essa obra, oriundas do diário de bordo de madre Rubatto e outros escritos de suas

Simultaneamente, a segunda metade do século XIX foi marcada pela imigração europeia, especialmente para os países da América do Sul, que receberam muitas levas de povos em busca da “terra prometida”. Para acompanhar seus fiéis nesse deslocamento, a Igreja Católica desenvolveu uma série de ações a fim de fomentar sua adesão e evitar o contato e a conversão deles ao protestantismo. No caso da Igreja italiana, entre o final do século XIX e início do XX, surgiram vários grupos de missionários que se voltaram para as áreas de imigração do continente americano, visando animar missões e fundar paróquias, escolas, associações e hospitais (BERTONHA, 2005).

Da parte dos capuchinhos italianos, desde 1893, quando a Província da Lombardia inaugurou a Missão do Maranhão, eles se dedicaram a vários projetos, entre os quais a “catequese e civilização dos índios”, provavelmente, motivados pelo testemunho de seus antecessores do período imperial, mas, como nesse estado não havia propriamente uma imigração italiana, os frades apenas tentaram atrair e acolher alguns conterrâneos.

Quanto à congregação de madre Rubatto, as freiras estavam envolvidas com a expansão internacional, pois, quando foram convidadas para a missão no Brasil, já estavam inseridas no Uruguai. De fato, madre Rubatto e outras irmãs que a acompanhavam estavam em uma visita às colegas italianas residentes em Montevidéu, que na época atuavam em hospitais, quando receberam uma carta do superior da Missão no Maranhão, Frei Rinaldo Panigada de Paullo, que, por sugestão do superior geral da Ordem capuchinha, “lhe pedia algumas irmãs que pudessem se ocupar na educação de meninas indígenas na colônia São José da Providência” (TOSO, 2002, p. 216). Fragmentos de uma carta de outro capuchinho importante na Missão do Maranhão, frei Carlo de São Martino, primeiro superior da referida missão, mostram claramente as intenções dos frades de envolver as religiosas na missão de civilizar e catequizar indígenas. Certamente, os homens capuchinhos almejavam promover a divisão sexual do serviço religioso, encarregando as freiras do trabalho com mulheres indígenas.

[...] pe. Carlo, já em 1986 tinha procurado irmãs “santas, sadias e prontas a morar numa choupana..., a dormir numa aldeia no meio da floresta..., convencidas de que, estando aqui, se não morrerem, trabalharão na instrução das caboclas e das caboclinhas com muita paciência e com pouco fruto”. (TOSO, 2002, p. 216)

De Montevidéu, reportando-se ao superior geral dos capuchinhos, a quem devia maiores explicações, madre Rubatto respondeu positivamente a esse novo desafio e mostrou-se consciente das consequências de aceitação do pedido.

“Padre reverendíssimo, eu sou filha da obediência e prontíssima a fazer o que a Sua Paternidade, no Senhor, julgar bem dispor por essa missão. Sendo que a proposta nos vem do rev. Padre geral e tendo o apoio do seu consentimento, tenho certeza de estar cumprindo a Vontade de Deus, bem contente em poder colaborar nesse empreendimento. Eu também concordo com Sua Paternidade que haja dificuldades bastante grandes, quer pela distância, quer pelo lugar desconhecido e por outras dificuldades imprevisíveis que irão aparecer. [...]”. (TOSO, 2002, p. 217)

companheiras de missão, correspondência recebida e enviada por elas. O uso desses fragmentos se justifica, pois os originais estão depositados no arquivo das capuchinhas de Milão (Itália) e esse lugar ainda não foi visitado.

Indícios das perspectivas catequético-pedagógicas

Mesmo às pressas, as missionárias italianas começaram a se preparar para a nova missão, estudando um pouco a língua portuguesa e treinando equitação, quase o único transporte disponível para adentrar o interior do Maranhão depois das embarcações. Elas também tentaram arrecadar roupas e outros materiais para a Missão no Maranhão, chegando a reunir 14 baús. Mulheres de seu tempo, compreendiam a missão católica na perspectiva de um trabalho de homogeneização cultural (BAËTA NEVES, 1978), que exigia a criação de condições materiais para sua execução, como vestir os indígenas de acordo com a etiqueta cristã. Contudo, no trajeto da longa viagem, quando pararam em Recife (PE), os funcionários da alfândega não despacharam todos os seus baús.

Chegando em São Luís (MA), elas começaram a perceber que precisariam se adaptar à nova realidade, inclusive providenciar vestimentas mais leves para enfrentar o calor maranhense e esforçar-se para ingerir produtos da culinária tropical. Enfim, as freiras teriam que repensar e reorganizar seus hábitos e costumes em uma região tão diferente de seu ambiente de origem.

A biografia institucional de madre Rubatto aqui trazida (TOSO, 2002) faz uma releitura teológica dos eventos da Missão no Maranhão, que acabaria em tragédia, afirmando que as irmãs tinham consciência de que estavam praticando um sacrifício e corriam risco de vida. Na verdade, elas deviam estar com muito receio do que encontrariam pela frente, pois, com certeza, conheciam os anais franciscanos que editavam as cartas e relatórios dos capuchinhos italianos que atuaram na missão indígena no Brasil do Segundo Império (1840-1889), quando houve muito conflito entre missionários e índios (AMOROSO, 1998).

O diário de bordo de madre Rubatto permite vislumbrar a estranheza dessas mulheres desde a viagem de São Luís para Barra do Corda, onde os capuchinhos haviam criado um instituto para índios e se dedicavam também ao trabalho paroquial.

“Fizemos também cinco dias a cavalo... Mas que medo no primeiro dia!... O nosso anjo da guarda, porém, nos foi bom guia e chegamos a caminhar até doze horas por dia [...]. Éramos deveras cavaleiras! [...]. Acompanhavam-nos dois reverendos padres, um rapaz do lugar e quatro homens, sempre prontos a nos ajudarem em qualquer perigo, porque o caminho era todo em matas virgens, onde há serpentes e animais ferozes. Eis uma ladeira íngreme e, logo depois, uma descida tão difícil que até os próprios animais se recusavam a prosseguir. Em certos lugares, o caminho era tão estreito que os espinhos nos arranhavam o rosto e, se não prestássemos atenção, paus atravessados na estrada nos derrubariam.” (TOSO, 2002, p. 232)

Chegando em Barra do Corda, as estranhezas não pararam... As cartas de madre Rubatto mencionavam que elas encontraram a comunidade reunida para recepcioná-las, os frades capuchinhos e seus 40 meninos índios. Depois de descansarem da viagem de São Luís a Barra do Corda, as freiras iniciaram o trajeto até Alto Alegre, sítio próximo da cidade barracordense. O relato da madre, a seguir, mostra a sua percepção da realidade encontrada, distante talvez da paisagem harmônica da representação de Alto Alegre nos escritos capuchinhos.

“Tinha a impressão de que não chegaria nunca: por quanto caminhássemos, mais caminho havia para frente. Finalmente, avistamos distantes duas casinhas perdidas, pode-se dizer, no meio da mata. Uma

era a casa destinada às irmãs, a outra, com uma igrejinha anexa, era a habitação dos missionários”. (TOSO, 2002, p. 233)



Figura 1. Representação de Alto Alegre antes da rebelião.

Fonte: Annali Francescani, 1920, p. 309.

“Atravessamos florestas imensas por tortuosos e perigosos caminhos... [...] o lugar onde estão as irmãs é um conjunto de duas casas... Há somente três famílias cristãs; poucas choupanas feitas pelos missionários hospedam alguns selvagens. Os demais vivem na mata e não usam roupas... A alimentação consiste em carne seca, arroz e cana de açúcar que os missionários cultivam porque os índios não trabalham”. (TOSO, 2002, p. 235)

O relato da madre Rubatto, transcrito anteriormente, revela vestígios da constituição da colônia de Alto Alegre, povoada por missionários, regionais e indígenas Tenetehara-Gujajara e Canela, tipo de organização que lembra, em alguns aspectos, os terríveis aldeamentos capuchinhos do Segundo Império, que representavam, na prática, uma violência contra os povos indígenas, pois tratava-se de uma

[...] assimilação forçada de etnias justapostas indiscriminadamente, situação agravada pela presença dos não-índios, logo se mostrou: expunha os índios ao contágio de epidemias e às guerras intertribais e interétnicas, causadas, muitas vezes, pela proximidade de grupos inimigos nos aldeamentos. (AMOROSO, 1998, p. 5)

Outro aspecto que chama a atenção nos escritos da madre é a descrição da paisagem humana, que pode ser compreendida na mesma acepção de Amoroso (1998): evidencia-se uma representação de indígena segundo o pensamento de “infantilidade primitiva”, usual entre os capuchinhos da época.

“Que impressão nos fez a vista destes pobres índios!... São em volta de vinte mil os que moram nos arredores espalhados e – pode-se dizer – sepultados no meio da floresta, nus, embrutecidos, sem conhecimento de Deus e com um olhar feroz que mete medo. Levam uma vida parecida com a dos animais. Vivem de caça e se alimentam também com a carne de serpentes, pois aqui há muitos e grandes”. (TOSO, 2002, p. 233)

Essas primeiras considerações já revelam indícios de que a ação pedagógico-catequética das freiras no internato de meninas e na colônia em geral seria pautada

pelo quadro de pensamento da época, que visava tornar o não cristão em cristão, apagando as diferenças desse “outro” e acentuando as semelhanças entre ele e os civilizados (BAÊTA NEVES, 1978). A inauguração do instituto indígena feminino, ocorrida no dia 2 de julho de 1899, sinaliza uma etapa importante desse processo de homogeneização cultural.

“Naquele dia, todo o povo da colônia estava em movimento... Quem ia para um lado, quem para outro... Naquele dia, todos sentiam-se irmãos. Os índios, que sempre andam com a cara meio fechada, naquele dia pareciam mais alegres... Às oito horas, o sino anunciava que estava para ter início a sagrada cerimônia... Após a leitura do Evangelho, o pe. Vittore explicou àquele povo os motivos da vinda das irmãs; exortou os índios para que aproveitassem a ocasião que lhes era oferecida para educar as suas filhas... Na parte da tarde, houve a bênção do SS. Sacramento”. (TOSO, 2002, p. 233-234)

Mas a atuação pedagógico-catequética das freiras, na esteira dos frades, extrapolava a ação no internato e na própria colônia.

“Várias vezes, fui, a cavalo, para visitar aquela gente nas matas e vi que, com o jeito e sobretudo com a caridade de Deus que usam aqueles bons padres, muitos começam a se aproximar e nos entregam as suas filhas para criá-las e educá-las... [...] Durante o pouco tempo que estivesse na missão [três meses], observei e estudei muito aqueles caboclos, tanto os homens como as mulheres e moças. Entendi o quanto deve ser grande a abnegação dos padres e pouca a sua satisfação”. (TOSO, 2002, p. 236)

Nesse contato com a população indígena, as missionárias mudavam? Em outras palavras, o contato com os nativos vai modificando a maneira desses missionários se relacionarem entre si e com os indígenas? Talvez.

O capuchinho superior da colônia, padre Celso de Uboldo, por exemplo, escreve a respeito de Rubatto: “Os índios dizem que querem que seja minha mãe e eu a aceitei como tal porque, durante os meses que ela permaneceu aqui conosco, foi para mim uma mãe”. Em outro trecho, ele relata a despedida de Rubatto, que deixou a colônia de Alto Alegre para retornar à Itália, nos seguintes termos: “As filhas e as meninas não conseguem reter as lágrimas. Eu as deixo desabafar porque, se as reprimisse, temo que lhes seria pior”. Nesse episódio, a própria madre recomenda a suas irmãs: “Trabalhem, trabalhem muito em favor destas filhas de selvagens. Tratem-nas sempre com bondade e ternura materna... Também elas, agora suas filhas, são capazes de grandes virtudes” (TOSO, 2002, p. 237).

Os indígenas (crianças e adultos) também estavam presentes na cena de despedida de Rubatto, segundo a carta de outra irmã, Agnese, que ficaria nessa colônia até sua morte na tragédia de Alto Alegre.

“Que dia! Que momento! Estávamos reunidas, com as meninas índias a nós confiadas, na frente da igreja. A pequena população, quase todos selvagens, tinha vindo para ver mais uma vez a reverendíssima nossa Madre e despedir-se dela. E ela, com a emoção que bem lhe se lia no rosto, esforçava-se em sorrir a todos com as últimas recomendações. Via-se claramente que lhe custava separar-se. Quando chegou o

momento de despedida, a comoção foi geral e muitos destes selvagens, talvez pela primeira vez, foram vistos chorando.” (TOSO, 2002, p. 238)

Em outra carta, dirigida a uma colega que estava em Montevidéu, Agnese relata:

“A nossa cara Madre partiu de São José [colônia] no dia 22 de setembro, acompanhada, por um dia a cavalo, por duas irmãs, por um reverendo padre a alguns homens... A comoção foi geral quando, ela mesma estimulando o cavalo, desapareceu da nossa vista... Cara irmã Annunziata, esta pobre gente é rude, mas também tem coração, sabem muito bem quem os ama de verdade... Nós nem podíamos chorar porque as meninas, a ver-nos chorar, ficavam inquietas... ”. (TOSO, 2002, p. 238)

Nas entrelinhas do trecho citado, é possível observar que Agnese se surpreende com o choro nativo, afinal, a analogia que as freiras faziam era de que os indígenas viviam como animais. Tanto é que, ao relatar o trabalho com as meninas, Agnese revela: “[...] tivemos que usar algumas das nossas saias para vestir as pequenas selvagens... Para acostumá-las à limpeza, é um sacrifício... Nas famílias vivem como pequenos animais...” (TOSO, 2002, p. 238). Pode-se imaginar o que teria sido esse internato na perspectiva de conversão das crianças aos padrões de higiene e administração doméstica das freiras...!

Outro importante fragmento trazido por Toso (2002) dá ideia da dimensão dos desacertos entre indígenas e missionários na região de Alto Alegre. O episódio ocorreu durante a viagem de retorno de Rubatto que, como citado anteriormente, era escoltada por um grupo significativo de homens. Vendo essa comitiva, os Tenetehara-Guajajara – “[...] imaginaram que fosse um assalto para roubar os meninos e as meninas’ para uma educação forçada. Por isso as mulheres com os seus filhos fugiram, aos gritos, embrenhando-se na mata” (TOSO, 2002, p. 239). Tais indícios de Alto Alegre podem indicar que os Tenetehara-Guajajara já deviam ter algum conhecimento dessa violência ocorrida com seus ancestrais, pois o sequestro de crianças para serem confinadas em colônias e aldeamentos parece ter sido uma prática recorrente de agentes da colonização do Segundo Império.

[Na região do rio Araguaia, no final do século XIX, no contexto de decadência do Colégio Isabel] Começava, então, uma época de terror, que ficou registrada na memória dos Karajá, Kaiapó, Tapirapé e Guajajara. Visando manter a verba do Ministério da Agricultura, vinculada à frequência de pelo menos dez alunos indígenas ao colégio, iniciava-se a prática do tráfico de crianças indígenas para a instituição. Crianças eram trocadas por ferramentas, enviavam-se soldados às aldeias para raptar meninos e meninas indígenas de seus pais, para interná-las. (AMOROSO, 1998, p. 10)

Em suma, havia muita tensão no campo de missão capuchinha, levando a uma permanente relação conflitiva entre missionários e indígenas. Sem dúvida, o ponto alto desse tensionamento foi a rebelião de Alto Alegre, na qual foram assassinados todos os missionários presentes na colônia, assim como muitas famílias de regionais. Certamente, um dos motivos da revolta diz respeito ao confinamento das crianças em um sistema educativo muito distante das pedagogias nativas e da cosmovisão dos povos originários. Por essa razão, da missão, nem a casa ficou intacta...



Figura 2. Foto da Casa das Irmãs depois da rebelião de Alto Alegre. Fonte: Mezzana, 1926, p. 75.

Observação final

Se o curso da história de Alto Alegre tivesse sido outro, provavelmente, os capuchinhos italianos não teriam criado uma congregação genuinamente brasileira, a Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, para ocupar o espaço deixado pelas italianas. A nova congregação feminina entrou em cena em 1904 e estreou no cenário religioso brasileiro com a missão de trabalhar em uma escola de meninas índias, mas no Estado do Pará (vizinho do Maranhão), onde os capuchinhos haviam avançado em função de seus interesses de expandir a missão e, simultaneamente, atender à solicitação do governo paraense para que atuassem na civilização dos indígenas. E isso passava, como ocorrera no Maranhão, pela institucionalização e doutrinação de crianças e jovens indígenas, o que implicava a criação de instituições educativas do tipo internato para ambos os sexos.

Referências

- AMOROSO, M. R. Mudança de hábito: catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.13, n. 37, p. 101-114, 1998.
- ANNALI FRANCESCANI, Milano, n. 51, 1920.
- BAÊTA NEVES, L. F. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- BERTONHA, J. F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GIORGIO, M. O modelo católico. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres*. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.
- LANGLOIS, C. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIX siècle. Paris: Cerf, 1984.
- MARTINA, G. A era do liberalismo. *História da Igreja de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1996. v. 3.
- MEZZANA, Galdino M. da. OFMC. *Sacrificio per amore*. Comemorando il 25° anniversario del sacrificio di Padre Rinaldo Panigada, Cappuccino e di Fra Pierino Novaresi, Terziario da Paullo Lodigiano massacrati dai selvaggi in Alto Alegre (Brasile) il 13 Marzo 1901. Milano, 1926.
- TOSO, R. *Uma mulher forte: madre Francisca Rubatto*. Imperatriz: Ética, 2002.

Recebido para publicação em 06-05-18; aceito em 09-06-18